



Diversidade:
Diferentes,

não

Desiguais

Denise Pereira
(Organizadora)

Denise Pereira
(Organizadora)

Diversidade: Diferentes, não Desiguais

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Lorena Prestes e Karine de Lima

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

D618 Diversidade [recurso eletrônico] : diferentes, não desiguais /
Organizadora Denise Pereira. – Ponta Grossa (PR): Atena
Editora, 2019. – (Diversidade: Diferentes, Não Desiguais; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7247-090-2

DOI 10.22533/at.ed.902190502

1. Ciências sociais. 2. Igualdade. 3. Psicologia social.
4. Tolerância. I. Pereira, Denise. II. Série.

CDD 302

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Em pleno século XXI deveria ser natural vivenciar a diversidade, pois aceitá-la não é apenas conseguir lidar com gêneros, cores ou orientações sexuais distintas, mas principalmente respeitar ideias, culturas e histórias de vida diferentes da sua.

A intolerância muitas vezes manifestada em virtude de uma generalização apressada ou imposta por uma sociedade, leva ao preconceito. E, esse preconceito leva as pessoas a fazerem juízo de valor sem conhecer ou dar oportunidade de relacionamento, privando-as de usufruir de um grande benefício: aprender e compartilhar ideias com pessoas diferentes.

A partir da discussão de conceitos de cor, raça, gênero, que nada mais é do que um dispositivo cultural, constituído historicamente, que classifica e posiciona o mundo a partir da relação entre o que se entende como feminino e masculino, negro e branco, os autores deste livro nos convidam a pensar nas implicações que esse conceito tem na vida cotidiana e como os arranjos da diversidade podem muitas vezes restringir, excluir e criar desigualdade.

Boa leitura

Denise Pereira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
(RE)CONSTRUÇÕES DAS IDENTIDADES DE GÊNERO E DAS CORPORALIDADES EM A PELE QUE HABITO	
Vivian da Veiga Silva Ana Maria Gomes	
DOI 10.22533/at.ed.9021905021	
CAPÍTULO 2	7
“LGBTTRABALHADORES”: OS FORA DA NORMA INSERIDOS NO MERCADO DE TRABALHO	
Rafael Paulino Juliani Rosemeire Aparecida Scopinho	
DOI 10.22533/at.ed.9021905022	
CAPÍTULO 3	16
“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA	
Alexandre Gaspari	
DOI 10.22533/at.ed.9021905023	
CAPÍTULO 4	23
A IGUALDADE DE GÊNERO E O EMPODERAMENTO FEMININO COMO OBJETIVO PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	
Ana Claudia Lopes Venga Larissa Valim de Oliveira Farias	
DOI 10.22533/at.ed.9021905024	
CAPÍTULO 5	36
A FORMAÇÃO DO PROFESSOR E O PROCESSO DE FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO NO BRASIL	
Ana Carla Menezes de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.9021905025	
CAPÍTULO 6	47
BRINCAR DE BONECA É COISA DE MENINO. E DE MENINA TAMBÉM!	
Lorena Marinho Silva Aguiar	
DOI 10.22533/at.ed.9021905026	
CAPÍTULO 7	59
CIBORGUES E CIBERFEMINISMOS NO TECNOCAPITALISMO	
Cláudia Pereira Ferraz	
DOI 10.22533/at.ed.9021905027	
CAPÍTULO 8	81
BRINCADEIRAS INFANTIS E MODERNIDADE: BRINQUEDOS TÊM GÊNERO?	
Alexandra Sudário Galvão Queiroz Maicon Salvino Nunes de Almeida Celia Nonato	
DOI 10.22533/at.ed.9021905028	

CAPÍTULO 9 88

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA CLÍNICA: RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO COM MULHERES EM SITUAÇÃO DE VIOLÊNCIA

Lacilaura Bomtempo Lamounier Costa

Bruna Afonso Gibim

Rafael De Tilio

DOI 10.22533/at.ed.9021905029

CAPÍTULO 10 94

CONHECIMENTO DA ENFERMAGEM SOBRE PESSOAS TRANSEXUAIS: REVISÃO INTEGRATIVA

Carla Andreia Alves de Andrade

Alberto Magalhães Pires

Taiwana Batista Buarque Lira

Karla Romana Ferreira de Souza

Rianne Rodrigues de Lira

Wanderson Santos Farias

Josueida de Carvalho Sousa

Andréa Roges Loureiro

DOI 10.22533/at.ed.90219050210

CAPÍTULO 11 106

CONSIDERAÇÕES ACERCA DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO DIRIGIDA À MULHER NEGRA NO ÂMBITO DOMÉSTICO E FAMILIAR

Nayra Leal Feitosa

Felipe Silva Duarte

Joseane de Queiroz Vieira

DOI 10.22533/at.ed.90219050211

CAPÍTULO 12 114

CRÍTICA SOBRE A FORMAÇÃO DA IDEOLOGIA DE SUBMISSÃO FEMININA: EM ESPECÍFICO OS ESPAÇOS PÚBLICOS

Heloisa Silva Alves

DOI 10.22533/at.ed.90219050212

CAPÍTULO 13 121

DISCURSO, MÍDIA E INFORMAÇÃO: SENTIDO E SIGNIFICAÇÃO DOS MATERIAIS INSTRUCIONAIS DA SEGURANÇA PÚBLICA NA COMUNIDADE LGBTQTTI

Deyvid Braga Ferreira

Lívy Ramos Sales Mendes de Barros

DOI 10.22533/at.ed.90219050213

CAPÍTULO 14 136

FACEBOOK E HOMOSSEXUALIDADE: ENUNCIADOS E PRECONCEITO NA REDE SOCIAL

Rodrigo Luiz Nery

DOI 10.22533/at.ed.90219050214

CAPÍTULO 15	151
FEMINISMO E GÊNERO: CONTRIBUIÇÕES EPISTEMOLÓGICAS DOS ESTUDOS BRASILEIROS	
Dejeane de Oliveira Silva	
Mirian Santos Paiva	
Edméia de Almeida Cardoso Coelho	
Fernanda Matheus Estrela	
Raiane Moreira Coutinho da Cruz	
DOI 10.22533/at.ed.90219050215	
CAPÍTULO 16	162
GÊNERO, ESCOLA E FORMAÇÃO CONTINUADA DE PROFESSORAS: PROBLEMATIZANDO REPRESENTAÇÕES HEGEMÔNICAS	
Andrea Geraldí Sasso	
Fabiane Freire França	
DOI 10.22533/at.ed.90219050216	
CAPÍTULO 17	173
INTERFERÊNCIAS DA VISÃO ANDROCÊNTRICA NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DAS SENTENÇAS SOBRE OS CRIMES DE ESTUPRO CONTRA MULHERES	
Lívy Ramos Sales Mendes de Barros	
Wanessa Oliveira Silva	
Deyvid Braga Ferreira	
José Humberto Silva Filho	
Marcus Vinicius de Almeida Lins Santos	
DOI 10.22533/at.ed.90219050217	
CAPÍTULO 18	186
MACHISMO INVISÍVEL E A CATEGORIZAÇÃO DAS ATIVIDADES PROFISSIONAIS	
Lycia Rinco Borges Procópio	
Jarbene de Oliveira Silva Valença	
DOI 10.22533/at.ed.90219050218	
CAPÍTULO 19	194
O FEMINISMO NO CORPO DA MULHER TRANS	
Diana Dayane Amaro de Oliveira Duarte	
DOI 10.22533/at.ed.90219050219	
CAPÍTULO 20	201
O PROBLEMA DO PATRIARCADO E A MANUTENÇÃO DA CULTURA DO ESTUPRO	
Lissa Furtado Viana	
Emannuely Cabral de Figueiredo	
Otávio Evangelista Cruz	
Raíssa Feitosa Soares	
Djamiro Ferreira Acipreste Sobrinho	
DOI 10.22533/at.ed.90219050220	
CAPÍTULO 21	210
PALAVRAS: ESCRITA FEMININA, LUSOFONIA, ÁFRICAS	
Izabel Cristina Oliveira Martins	
DOI 10.22533/at.ed.90219050221	

CAPÍTULO 22 221

OS DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES PRETAS LÉSBICAS NO MERCADO DE TRABALHO EM SALVADOR

Juliana de Castro Braz
Tânia Moura Benevides

DOI 10.22533/at.ed.90219050222

CAPÍTULO 23 231

OS CABARÉS IPUENSES: O COMÉRCIO DO SEXO EM IPU (1960-1980)

Francisco de Souza Lima Filho
Dalvanira Elias Camelo

DOI 10.22533/at.ed.90219050223

SOBRE A ORGANIZADORA..... 237

“BAIXOU A 1140 AQUI?” DIFERENÇAS E DISTINÇÕES NAS PRAIAS GAYS DE COPACABANA E IPANEMA

Alexandre Gaspari

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em
Ciências Sociais (PPCIS)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
Rio de Janeiro – RJ

RESUMO: Este trabalho apresenta breve análise da pesquisa para a obtenção do título de mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). A pesquisa foi feita de 2013 a 2015 em dois trechos de praias da cidade do Rio de Janeiro “amigáveis” a homossexuais: a Bolsa de Valores, em Copacabana, e a Farme, em Ipanema. O estudo pretendeu analisar as relações entre homens gays nessas praias e as tensões criadas a partir de diferenciações que alimentam disputas territoriais e simbólicas, influenciadas por mudanças socioeconômicas e de infraestrutura urbana na cidade. Tais distinções são caracterizadas por interseccionalidades entre diversos marcadores sociais da diferença. Se o corpo é o mais aparente deles, devido ambiente praiano, há ainda outras categorias sociais de diferenciação que afetam tais relações, como gênero, classe social, geração, raça, origem e mesmo local de moradia.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade; Corporeidade; Masculinidade; Classe Social;

Território.

ABSTRACT: This work presents a brief analysis of the research to obtain the master’s degree by the Graduate Program in Social Sciences (PPGCS) of the Federal Rural University of Rio de Janeiro (UFRRJ). The research was done from 2013 to 2015 in two sections of beaches in the city of Rio de Janeiro that are “friendly” to homosexuals: Bolsa, in Copacabana, and Farme, in Ipanema. The study aimed to analyze the relationships between gay men in these beaches and the tensions created from differentiations that fuel territorial and symbolic disputes, influenced by socioeconomic and urban infrastructure changes in the city. Such distinctions are characterized by intersectionalities between several social markers of difference. If the body is the most apparent of them, due to the beach environment, there are still other social categories of differentiation that affect such relations, such as gender, social class, generation, race, origin and even place of dwelling.

KEYWORDS: Homosexuality; Corporeity; Masculinity; Social Class; Territory.

1 | INTRODUÇÃO

Este texto apresenta parte de minha pesquisa de mestrado, realizada entre março de 2013 e março de 2015, cujo trabalho de campo foi feito em duas praias gays do Rio: a Bolsa de Valores, trecho da praia de Copacabana em frente ao hotel Copacabana Palace, e a Farne, em frente à rua Farne de Amoedo, em Ipanema, ambas na Zona Sul do Rio de Janeiro. Apresento percepções sobre as relações observadas entre homens homossexuais nessas praias, tentando compreender a ocupação desses territórios urbanos e a disputa simbólica embutida nesta ocupação.

Para efeito de facilitação da leitura, será usado o termo “praia gay” para referência a esses trechos, embora o termo “gay” esteja mais associado a homossexuais do sexo masculino. De qualquer forma, vale ressaltar que é visivelmente perceptível que a frequência nesses locais é majoritariamente de homens.

A pesquisa se baseou em observação direta, com entrevistas não estruturadas, e indireta, com observações sem o estabelecimento de contato verbal, mas que permitiram captar falas, diálogos e gestos. Foram estabelecidos informantes, permanentes ou esporádicos. Outro canal de contato foram as redes sociais, – Facebook e Whatsapp –, que permitiram acesso permanente a alguns informantes, bem como a realização de entrevistas fora do campo.

2 | MARCADORES DA OCUPAÇÃO

Na cidade do Rio, a praia detém um poder simbólico particular, uma “identidade” carioca, e é tida como um território relacional indistinto, aberto a toda e qualquer pessoa: “talvez seja a praia o lugar mais central do Rio de Janeiro, para todas as camadas sociais, sendo um lugar de representação e de reprodução ritual ideal miniaturizada da sociedade carioca” (GONTIJO, 2002, p. 51).

Entretanto, não é novidade que as praias do Rio são palco de múltiplas particularidades, que as repartem em territórios menores, com fronteiras fluidas, mas perceptíveis. Um espaço de interseccionalidades, onde classe, raça, gênero, sexualidade, geração e local de moradia, entre outros marcadores sociais da diferença, estabelecem marcações no corpo, na interação, na performance e no próprio espaço.

Quanto à sexualidade, há no Rio trechos de praias “amigáveis” a homossexuais, identificadas simbolicamente pela bandeira do arco-íris – símbolo do movimento de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Travestis e Intersex (LGBTI). E mesmo nesses pequenos territórios é possível verificar clivagens e representações que determinam mecanismos de inclusão ou exclusão. Tomando Becker (2012), criam-se novos *outsiders* entre *outsiders*, relações de hierarquia e poder a partir da interação entre os sujeitos e até mesmo deslocamentos espaciais, como forma de manter fronteiras de distinção.

O mais óbvio marcador nas praias cariocas em geral é o corpo.

Lugar privilegiado do bem-estar e do parecer bem através da forma e da manutenção da juventude [...], o corpo é objeto de constante preocupação. Trata-se de satisfazer a mínima característica social fundada na sedução, quer dizer, no olhar dos outros. [...] Na modernidade, a única extensão do outro é frequentemente a do olhar: o que resta quando as relações sociais se tornam mais distantes, mais medidas. (LE BRETON, 2007, p. 78)

A Bolsa e a Farme surgiram como ponto de encontro de homens gays dispostos a exibir seus corpos, além, claro, de serem ponto de socialização e lazer. Contudo, a corporeidade não é o único fator de diferenciação. Nessa complexa rede relacional, há distinções relativas a classe social, local de moradia, geração e raça, que vão se pronunciando com as mudanças históricas e da infraestrutura urbana do Rio.

3 | A “POLUIÇÃO” DA BOLSA

A Bolsa de Valores, em Copacabana Palace, segundo Green (2000), data dos anos 1950. Uma das explicações para o curioso nome da praia é que:

Em meados da década de 1950, os homossexuais haviam ocupado uma área em frente ao hotel Copacabana Palace por eles denominada “Bolsa de Valores”, referindo-se à qualidade dos encontros e flertes que ocorriam lá. Carlos Miranda (*informante de Green em sua pesquisa*), que começou a ir à Bolsa em 1954, não sabia quando exatamente surgiu esse nome. “Quando eu perguntei, me disseram que lá é onde você pode mostrar-se para se valorizar. Lugar de valorização, de mostrar seu corpo” (GREEN, 2000, p. 263)

Entretanto, cerca de 60 anos depois, esse cenário mudou. Composta por cinco barracas, das quais apenas uma hasteia bandeiras do arco-íris, a Bolsa já não é mais o lugar de ver e ser visto em nível de *status*, de importância social, de cotação do corpo. A frequência atualmente observável é de homens “ursos” – “a metáfora de um homem gay muitas vezes grande ou gordo e sempre peludo” (FIGARI, 2007, p. 464) – e de travestis e mulheres transexuais, além, claro, de homens e mulheres heterossexuais, incluindo casais com crianças. É importante ressaltar que, embora com presença registrada na pesquisa, travestis e mulheres transexuais foram analisadas de forma superficial, já que exigiriam foco de análise diferente do utilizado para os homens homossexuais e/ou com práticas homoeróticas.

Essa mudança de público deve-se a alterações socioeconômicas e urbanas ocorridas no Rio e, particularmente, em Copacabana. Velho (1973) mostra os primeiros sinais de “popularização” do bairro no final dos anos 1960, numa Copacabana até então considerada “cosmopolita” e “de vanguarda”. Com isso, a “elite copacabanense” vai se deslocando para os bairros vizinhos de Ipanema e Leblon e também para a Barra da Tijuca, na parte litorânea da Zona Oeste da cidade, cuja ocupação imobiliária

ganha força nos anos 1970.

Nos anos 1980, houve o aumento de linhas de ônibus oriundas do subúrbio e do Centro do Rio rumo a Copacabana. Em 1998, foi inaugurada a estação do metrô Cardeal Arcoverde, a primeira do bairro, a cerca de 500 metros da Bolsa. A nova infraestrutura urbana facilitou o acesso de uma população oriunda das classes mais baixas. O informante Jorge (nome fictício, assim como os demais informados na pesquisa) apontou que o metrô aumentou não somente a frequência do “povão” na Bolsa, mas também de heterossexuais. “A Bolsa era exclusivamente gay. Hoje tá mais mista, com muito hétero”.

Mudou-se a ocupação territorial da Bolsa. Os corpos “cotáveis” se deslocaram para a Farme, na vizinha Ipanema, em busca de um palco melhor para a exibição corpórea. Mas, sobretudo, em busca de distinção – embora nem sempre admitam estas razões.

O informante Morris frequenta Ipanema. Indaguei-o sobre o porquê não ir à Bolsa. “Acho a praia suja”, disse. No entanto, dados do Instituto Estadual do Ambiente (Inea) do período entre 2000 e 2014 mostram que a praia de Copacabana, e a Bolsa em particular, registraram melhores índices de balneabilidade do que Ipanema e a Farme. A título de curiosidade, o nome “Ipanema” é de origem tupi e pode significar “lago fedorento”, “rio imprestável” ou “água imprópria para nadar e pescar”, de acordo com informações do *site* “Significados”.

Logo, a poluição ambiental, ainda que irreal, é utilizada para disfarçar o “verdadeiro” perigo: a poluição social.

Onde as linhas são precárias, achamos ideias de poluição que vêm para sustentá-las. O cruzamento físico da barreira social é considerado uma poluição perigosa [...]. O poluidor torna-se um objeto de desaprovação duplamente nocivo, primeiramente porque cruzou a linha e, em segundo lugar, porque colocou outras pessoas em perigo (DOUGLAS, 2012, p. 170)

4 | GAROT@S DE IPANEMA

Surgida nos anos 1990, a Farme se firmou simbolicamente como território de *barbies*, que seriam homens bonitos e musculosos. Há, no entanto, outros marcadores dessa “categoria”, muitas vezes utilizada em tom acusatório, e que atualmente quase não é reconhecida por quem se encaixaria nesse “padrão”.

Barbie [...] é um termo utilizado de modo um pouco pejorativo [...] para designar os homens que mantêm relações sexuais com homens, que se dedicam a uma espécie de culto do corpo musculoso e viril e que seguem a moda “gay” norte-americana e europeia – a moda *clubber* (referente a *club*). (GONTIJO, 2009, p. 36)

É importante frisar que qualquer referência a essa categoria é feita comumente

no feminino, apesar de, corporalmente, aqueles que são identificados como *barbies* apresentarem um ideal de força física geralmente associado a homens, e talvez muito desejada por eles, independentemente de suas sexualidades. Portanto, apesar de o termo “*barbie*” representar um ideal estético e de vigor físico que se aproximaria de uma “supermasculinidade”, ele é sempre precedido por “a”: “a *barbie*”, “elas”, “as *barbies*”. A feminilização linguística, portanto, pode ser apontada como uma estratégia de negatização do que se apresentaria como o gay “tipicamente ideal” em termos corpóreos.

A Farme também é um local de “cotação” dos corpos dos homens que a frequentavam, mas com exigências a mais. Não basta apenas um corpo musculoso e depilado, é preciso exibir símbolos de status: sungas de grife, tatuagens, *piercings*. Tomando a diferenciação entre *barbie* e *boy* feita por Gontijo (2004), verifica-se também o fator racial envolvido, já que os *boys* teriam “cor de pele mais escura” (GONTIJO, 2004, p. 67) que as *barbies*.

Entretanto, a Farme atual apresenta uma diversidade maior de frequentadores do que quando surgiu. Homens são maioria, mas seus tipos físicos são variados, bem como padrões estéticos e idades aparentes. Há mulheres, embora em número muito menor. Grupos de homens e mulheres reunidos e casais heterossexuais, com e sem filhos, também frequentam a praia, mas também são minoria. E muito desse movimento foi facilitado pelo metrô, com a inauguração da estação General Osório, no final de 2009, em situação semelhante à ocorrida na Bolsa em 1998.

No final de dezembro de 2014, havia um grupo de 12 pessoas na barraca Lucia e Claudio, no que seria a “borda direita” da Farme. Eram seis homens – quatro negros e dois brancos, considerando a cor da pele –, três mulheres, todas negras, e três crianças. Carregavam bolsas térmicas e caixas de isopor. Todos os homens do grupo trajavam bermudões à altura do joelho. Dois trocavam beijos e se acariciavam. Nenhum apresentava corpo “em boa forma”. E os homens se tratavam no feminino na maior parte do tempo. Escutavam músicas em volume alto. Primeiramente pagodes, e depois, *funk carioca*.

Carlos é negro, 27 anos (à época da pesquisa, assim como as idades dos demais informantes), mora em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, e completou o segundo grau. Otávio, 30 anos, é branco, mora no Centro do Rio e é dentista. Os dois são nascidos em Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro, cidade a cerca de 300 quilômetros da capital. Para ambos, ir à Farme é a possibilidade de exercício “livre” de sua homossexualidade, sentimento que parece ser comum para quem é oriundo de cidades de menor porte quando chega a metrópoles como o Rio ou São Paulo e que parece atingir seu paroxismo em *points gays*, como aquele trecho da praia. “Aqui a gente se sente bem”, explicou Otávio.

Nem Carlos nem Otávio disseram sentir discriminação na Farme. Contudo, de acordo com reportagem de Ramiro Costa (s.d.) no site “*Time Out*” (www.timeout.com.br/riodejaneiro), uma “nova’ praia gay estaria surgindo no Rio, e por motivos relacionados

à noção de poluição de Douglas (2012).

Há muito tempo a famosa Farme de Amoedo já não reina mais absoluta na cotação do público gay no Rio de Janeiro. A explicação é simples: fugir da confusão deste ponto, que ficou muito popular com o passar dos anos, principalmente no verão. (COSTA, <http://www.timeout.com.br/rio-de-janeiro/gls/features/39/a-nova-farme>. Acesso em 22 de março de 2013).

O novo local – a barraca da Denise – está bem próximo da “borda direita” da Farme. Apesar da proximidade, Morris deixa claro que são espaços diferentes:

P – Há quanto tempo você frequenta a Farme?

R – Estou estranhando você chamar de Farme (risos). Você sabe que existem dois grupos gays próximos à Farme que não se misturam, né? A galera chama de Farme as barracas que têm as bandeiras do arco-íris. Nesse ponto, ficam as bichinhas pão-com-ovo. Normalmente, a galera mais pobre, menos glamourosa, sem roupas de marca, que mora no subúrbio e na Baixada, que são magrinhas...

P – Mas a história da Farme aponta que ela surgiu com as barbies.

R – As barbies frequentam a Denise. Quando você diz “Farme”, as pessoas entendem outra coisa. Esse pessoal não se mistura. Todo mundo sabe quem pertence a que trecho. Inclusive, as pessoas que erram são alvo de comentários.

P – Que comentários?

R – “Baixou a 1140 aqui????”

A “galera” a que Morris se refere são os frequentadores da barraca da Denise, que se assemelham ao que estamos chamando de “estilo *barbie*”. Já a 1140 é uma boate LGBT localizada na Praça Seca, Jacarepaguá, Zona Oeste do Rio de Janeiro, fora, portanto, do que seria considerada como parte da “área nobre” da cidade. Formada por diversos ambientes, onde se toca desde música dos anos 1980, passando por música eletrônica e por funk, havendo ainda um ambiente destinado à música ao vivo, sua frequência é bastante variada, mas majoritariamente formada por pessoas do subúrbio carioca, de classes mais baixas.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bolsa e Farme comprovam que, embora sejam públicas, não foram feitas para “qualquer pessoa”. Não basta ter um “corpo”: este é apenas o primeiro símbolo de uma série de representações que determinam a dinâmica de ocupação desses territórios, supostamente “livres”, mas excludentes em sua essência.

As mudanças urbanas alteraram o perfil das duas praias. As camadas populares e os corpos “fora de forma” que passaram a estar na Bolsa nos anos 1980/1990 deslocaram os corpos “cotáveis” para a Farme – cotação que vai além da boa forma física. E novas dinâmicas da cidade do Rio a partir dos anos 2000 provocaram novo deslocamento desses corpos, desta vez para a barraca da Denise, vizinha à Farme.

Na “Denise”, não basta ter “corpo”. Não há “bichinhas pão-com-ovo”, homossexuais afeminados, de corpo magro e de camadas baixas. A “galera mais pobre”, “sem roupas de marca”, quando resolve se instalar lá, logo recebe olhares de reprovação: faz baixar um “espírito popular” na praia “nobre” e “distinta”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard S.. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Edição digital. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2012.

COSTA, Ramiro. **A nova Farme**. Disponível em: <<http://www.timeout.com.br/rio-de-janeiro/gls/features/39/a-nova-farme>>. Acesso em 22 de março de 2013.

DOUGLAS, Mary. **Pureza e perigo**. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, Coleção Debates, 2012.

FIGARI, Carlos. **@s outr@s cariocas: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro, séculos XVII ao XX**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

GONTIJO, Fabiano. **O Rei Momo e o arco-íris: homossexualidade e carnaval no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Garamond, Coleção sexualidade, gênero e sociedade, 2009.

_____. Imagens identitárias homossexuais, carnaval e cidadania. In: L. F. Rios *et al* (Orgs.). **Homossexualidade: produção cultural, cidadania e saúde**. Rio de Janeiro: ABIA, 2004.

_____. *Carioquice ou carioquidade?* Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: M. Goldenberg (org.). **Nu & vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002, . pp. 41-77.

GREEN, James N.. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. São Paulo: Unesp, 2000.

INSTITUTO Estadual de Ambiente. **Balneabilidade por município: Rio de Janeiro**. Disponível em <[LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.](http://www.inea.rj.gov.br/Portal/MegaDropDown/Monitoramento/Qualidadedaagua/Praias/BalneabilidadeporMunicpio/RiodeJaneiro/index.htm&lang=>>. Acesso em janeiro e fevereiro de 2015.</p></div><div data-bbox=)

SIGNIFICADOS. **Ipanema**. Disponível em: < <https://www.significados.com.br/ipanema/>>. Acesso em fevereiro de 2015.

VELHO, Gilberto. **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1973.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-090-2

